

**ELIAS MACHADO DISCUTE A  
FORMAÇÃO DO DOCENTE E  
DO ESTUDANTE DE  
JORNALISMO NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Entrevista

Interview

Entrevista

**Marco Antônio Gehlen<sup>1</sup>  
Lucas Santiago Arraes Reino<sup>2</sup>  
Thaisa Cristina Bueno<sup>3, 4</sup>**

Doutor em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha), professor da Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC) e coordenador do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Jornalismo Digital, o jornalista Elias

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação pela PUCRS (2016), mestre em Agronegócios pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); especialista em Comunicação Empresarial e graduado em Comunicação Social - Jornalismo. É professor adjunto e pesquisador no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz (MA). E-mail: [gehlen.m@gmail.com](mailto:gehlen.m@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília e graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: [lucas@ufma.br](mailto:lucas@ufma.br).

<sup>3</sup> Doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: [thaisabu@gmail.com](mailto:thaisabu@gmail.com).

<sup>4</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Maranhão. Rua Urbano Santos S/N, Centro, CEP: 65900-000, Imperatriz, MA, Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 3, Maio. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n3p619>

Machado é uma referência nacional quando o assunto é o ensino de Jornalismo. Consultor Ad Hoc (CAPES), (CNPq), (SBPJOR), (COMPÓS), (INTERCOM) e (FNPJ), Machado tem vasta experiência nas áreas de Teorias do Jornalismo, Metodologias de Pesquisa, Jornalismo Digital e Impresso.

Recebido em: 17.01.2017. Aceito em: 20.04.2017. Publicado em: 01.05.2017.

Nesta entrevista, Elias Machado discute as deficiências da educação na área em faculdades públicas e privadas e alerta: "Temos que garantir que o aluno fique menos tempo em sala de aula. Nós temos que racionalizar e integrar as disciplinas para que sobre mais tempo para pesquisa e extensão".

Ele aproveita a conversa para debater, ainda, as implicações que as novas diretrizes do curso, discutidas e implementadas em todas as universidades do país, podem acarretar à carreira, bem como os dilemas sobre prática e teoria, produção laboratorial e formação de professores, entre outras dicotomias que afligem quem trabalha com comunicação social, seja no mercado, na pesquisa ou na sala de aula.

Além disso, Machado critica nesse espaço de reflexão, as pesquisas que fazem uma mera análise de dados e incentiva os estudos aplicados. " porque a crítica pela crítica não resolve o problema da demanda social". Assumidamente um pesquisador polêmico e provocador, justifica: "se eu estudei e me preparei foi para enfrentar os problemas. Não tem sentido eu chegar num lugar e dizer mais do mesmo, as pessoas não precisam ouvir mais do mesmo".

Confira.

**[Entrevistadores] Que avaliação o senhor faz do ensino de Jornalismo no Brasil hoje?**

**[Elias]** Olha, o ensino de Jornalismo no Brasil já passou por diversas fases: nós tivemos uma primeira fase, que era um ensino essencialmente teórico; depois uma segunda fase, com a criação das faculdades de Comunicação, que traziam uma visão bem mais teórica que prática; e agora, com a possibilidade das diretrizes do Jornalismo, entraremos em outra fase, que é a de cursos de fato específicos. Acredito que tivemos muitos avanços, mas ainda temos muitos

problemas. O principal avanço é que temos uma trajetória de mais de 60 anos de formação de profissionais de jornalismo na universidade e isso não é pouca coisa. Na verdade, isso é muito importante porque é a afirmação de que o jornalismo é uma profissão que necessita ter formação em nível superior. No entanto, ainda não temos uma formação que parta da pesquisa e da prática. Na realidade, nós ainda temos um corpo docente muito pouco especializado – uma boa parte dos docentes não tem formação plena, não são doutores –, uma boa parte dos cursos não trabalha com a devida necessidade as atividades teórico-práticas. O ideal seria que as disciplinas práticas fossem trabalhadas e articuladas de forma integrada. Em geral isso não ocorre. Em geral, as disciplinas teóricas não têm nenhuma vinculação com as práticas, e as disciplinas práticas acabam sendo disciplinas onde se reproduz tecnicamente o que se faz nos limites do mercado. Isso é uma necessidade, mas não deveria ser o horizonte e o limite. Então o ensino acaba sendo muito reprodutivo.

**[Entrevistadores] Podemos dizer, deste modo, que na sua avaliação a atual formação do jornalista é muito tecnicista?**

**[Elias]** Essa é outra limitação que eu vejo. E isso é importante que se diga, a formação do jornalista dever partir da especialidade, mas ela não deve se limitar ao ensino das técnicas. Um jornalista precisa ter uma formação sociocultural e política muito profundas, porque senão não tem a menor condição de desenvolver sua atividade. Jornalista trabalha com a interpretação da realidade e nesse sentido o domínio das técnicas e teorias do Jornalismo são muito importantes, mas não o suficientes. As teorias e as técnicas do jornalismo

são relevantes, são imprescindíveis, mas não são suficientes para que um jornalismo profissional possa compreender a realidade na sua complexidade.

**[Entrevistadores] Do seu ponto de vista, então, não seria o momento de fazer uma formação em Comunicação, particularmente para ampliar a cartela de linguagens articuladas por esse profissional, e não uma formação específica em Jornalismo como orienta o novo paradigma?**

**[Elias]** Não. Não porque na realidade cada especialidade, cada profissão, tem o que Bourdieu chama de um *habbitus*, um conjunto de práticas e procedimentos que orientam a visão de mundo e a interpretação do profissional. Ou seja, na realidade a Comunicação é uma grande área de conhecimento e dentro desta grande área existem subáreas e essas subáreas têm especificidades. A Comunicação é só uma grande área, concretamente a Comunicação não existe. O que é a Comunicação? Um conjunto áreas e de especialidades. A Comunicação é uma abstração. Ela se concretiza através das áreas. Então, não há como ensinar a Comunicação. Se pode ensinar a Comunicação teoricamente, isso é perfeitamente possível, mas quem vai à universidade não quer aprender uma teoria, porque ele não quer ser um pesquisador, quem vai para a universidade quer ser um jornalista, cineasta, relações públicas.

O problema não está aí, a questão é que não se pode perder de conta que o específico só faz sentido no contexto da sociedade. Uma formação cultural, econômica, política, psicológica, sociológica, antropológica que dê ao profissional a condição mínima de entender em que mundo se vive, porque como é que se pode fazer uma notícia, por exemplo, sobre o julgamento do mensalão se eu não entendo como funciona a administração pública? Não

entendo como funcionam as leis? Como funciona funciona o Supremo Tribunal Federal? O parlamento? Quer dizer, é necessário compreender a lógica, inclusive a história, porque a corrupção não é um caso isolado no mensalão.

Porque se o profissional não tem essa noção, ele sempre vai fazer a notícia fora de contexto, e a notícia fora de contexto não tem sentido, ou pode ter um sentido que não dá ao público a condição mínima de compreender o que está acontecendo. Você julga, nesse caso, pelo o específico e não pelo contexto, e a notícia sempre tem um contexto.

**[Entrevistadores] Nesse caso, ainda tem o aluno que chega sem formação nenhuma na universidade, inclusive sem o conhecimento básico necessário?**

**[Elias]** Eu não vejo que esse seja um grande problema. É um problema, mas ele é um problema que pode ser resolvido porque se nós analisarmos, na realidade, o objetivo da universidade não é dar uma formação conclusiva. Obviamente que tem que ter um processo seletivo mínimo para que o aluno entre na universidade, por exemplo, alfabetizado, domine a língua na forma culta. Então, se alguém ao concluir o secundário não consegue fazer isso, não deve entrar na universidade.

**[Entrevistadores] Mas sabemos que ele entra, talvez não em grandes centros, mas nos seletivos do interior ele entra professor. E nesses casos?**

**[Elias]** Esse é um problema, e é um problema que nós não temos como resolver porque a função de um curso de Jornalismo não é ensinar a gramática. Esse é

um problema sério que nós temos que discutir. É um problema da sociedade. Inclusive dentro da universidade, sabendo que essa realidade existe, tem-se os cursos de apoio pedagógico. O que o professor tem que fazer é chamar o aluno, com descrição, e dizer: olha, o seu caso aqui, em primeiro lugar, é de deficiência no domínio da linguagem, eu recomendo um curso de gramática. É o mínimo. Mas não é minha função ensinar gramática ao aluno porque sou professor de Jornalismo. O que tenho que ensinar para o aluno é isso.

**[Entrevistadores] Professor, quem está mais preparado para oferecer, de forma efetiva, o curso de Jornalismo hoje no Brasil, as universidades públicas ou as particulares?**

**[Elias]** Olha, generalizar nunca é a melhor das opções, até porque existem universidades privadas que têm alto nível, poucas, mas existem; e existem universidades públicas que têm qualidade mais frágil. Não quero aqui fazer esse tipo de discussão porque, como acadêmico, eu não faço generalizações. Como acadêmico só posso expressar opinião depois de um estudo concreto. Porque vejam, uma análise dessa pressupõe analisar o aluno que sai, a qualidade do corpo docente, a infraestrutura laboratorial, o projeto político pedagógico, etc. Eu não posso afirmar que uma é melhor do que a outra assim no abstrato. O que eu posso, isso sim, é que, do ponto de vista da média, em geral, as universidades públicas têm, pelo menos um corpo docente mais titulado. Não vou dizer mais qualificado, mas mais titulado. Têm mais estabilidade no trabalho, têm mais condição de fazer ensino, pesquisa e extensão. Enfim, mas não diria que, no geral, as públicas são melhores que as privadas sem uma análise concreta.

**[Entrevistadores] E no que se refere ao surgimento constante e rápido de novas plataformas de mídia. Como o professor deve lidar com isso?**

**[Elias]** É por isso que eu chamo a atenção que a melhor possibilidade é ensinar linguagens, porque as linguagens são historicamente mais permanentes. É como eu disse: a linguagem do cinema não mudou tanto, o que mudou foi o suporte de fazer cinema. A linguagem da fotografia não mudou tanto, mudou, mas não mudou tanto, o que mudou foi o suporte, o que mudou foram os equipamentos que nós utilizamos para fazer cinema e fotografia. A mesma coisa com a televisão, o que mudou foram os equipamentos e a tecnologia com que se faz, produz e transmite a televisão, agora a forma cultural, no nosso caso específico, nós nem estamos falando de TV no geral, estamos falando de telejornalismo. O telejornalismo é uma forma cultural que pressupõem determinados procedimentos para apurar as informações, para processar e editar as informações e difundir as informações. Isso não se alterou radicalmente.

Então, na realidade, o mais importante é perceber que existem formas culturais diferentes, como o cinema, o telejornalismo, o radiojornalismo; e essas formas culturais são mais perenes. Nós temos que ensinar as formas culturais, o dispositivo é muito mais uma questão de adaptação técnica e isso não é difícil. Quando surge um novo dispositivo é claro que é necessário se adaptar, tanto do ponto de vista da produção como da recepção, do consumo desses conteúdos, mas isso é histórico, quando aparece um novo há necessidade de se pesquisar e se adaptar. Já as linguagens, volto a chamar a atenção, elas são mais perenes. Por isso é essencial ensinar as linguagens e não ensinar o equipamento.

**[Entrevistadores] Vamos pensar nas grades dos cursos de Jornalismo nas universidades. Se seguirmos a sua lógica dos estudos nas linguagens, o modelo mais tradicional de dividir o curso pelo suporte, com aulas de TV, de Impresso, de Jornalismo Digital e assim por diante, não seria, deste modo, mais um padrão adequado?**

**[Elias]** O ideal é que não fosse assim, porque se fosse assim o curso teria que ter cinco ou seis anos e ainda seria insuficiente. Imagina, por exemplo, se nós tivéssemos um curso em que eu teria que ter técnicas de apuração para impresso, técnicas de apuração para digital, técnicas de apuração para televisão, técnicas de apuração para rádio. Então é muito mais interessante que eu trabalhe a partir das linguagens do impresso, das linguagens do audiovisual etc, até porque hoje em dia se produz para múltiplas plataformas. O que eu defendo fazer é captar os diferentes tipos de informações pelos diferentes meios e aprender a trabalhar as diferentes linguagens. Desse resultado poderia sair em forma de texto para televisão, uma reportagem multimídia, uma matéria para impresso, uma chamadinha para o *twitter* ou para o *Facebook*, usando com foto ou sem foto, com áudio ou sem áudio, dependendo da minha estratégia. Assim é mais exequível, mais muito mais rico e muito mais interessante.

Primeiro porque eu reduzo o tempo do aluno em várias disciplinas, e hoje em dia com essa quantidade de disciplinas temos alunos ficando mais dentro da sala de aula que fazendo as experimentações. Seu integro as disciplinas, primeiro que os professores deixam de ter o domínio e o Jornalismo não é separado em partes, ele é sempre uma equipe, então o essencial é que o aluno

tenha a sensação de que ele está dentro de uma redação, ou seja, como funciona o Jornalismo na prática. Se eu tenho quatro professores, eles nunca pensam igual, vai ter discussão respeitosa. Eu acho que é isso é como na prática e o aluno vai poder acompanhar esses procedimentos no sentido de que vai tendo uma formação mais diversificada, porque quatro cabeças pensam diferentes de uma.

Hoje o que acontece é que eu tenho cinco disciplinas ou quatro, todas fatiadas com uma carga de 32 horas, quando na realidade eu poderia ter um laboratório com oito horas por semana para impresso. Isso sim é suficiente. Porque se eu tenho oito horas dedicadas por semana para o impresso eu posso fazer com que o aluno tenha tempo disponível para elaborar o produto impresso. Temos que garantir que o aluno fique menos tempo em sala de aula e esteja mais tempo vinculado à prática, a laboratórios, a pesquisas, à extensão. Hoje em dia, a maior parte das atividades dos alunos é de ensino. E onde é que está a pesquisa? Onde é que está a extensão? Nós temos que racionalizar e integrar as disciplinas para que sobre mais tempo para pesquisa e extensão.

**[Entrevistadores] O foco então deveria ser, entre outras estratégias, os produtos laboratoriais?**

**[Elias]** Outro problema grave que tem no ensino é que os produtos laboratoriais, ao não ter periodicidade, em geral, são produzidos para ninguém ver ou ninguém ler. É essencial que se tenha um compromisso com a periodicidade, mas substancialmente que se tenha um plano de difusão ou de circulação. O que não pode acontecer é o que geralmente acontece: é difícil ir

nos cursos e não se encontrar um monte de jornais acumulados sem distribuição.

Quando fui professor de impresso a primeira coisa que sempre fazia era ter um projeto editorial muito bem definido e ter um plano de circulação. Eu trabalhava com meus alunos com prazos: no máximo em 24 horas nenhum exemplar do jornal poderia não ter sido distribuído. Se a turma não fizesse isso zerava nesse quesito. Porque no jornal tem vários quesitos de avaliação, mas para mim a circulação sempre foi essencial e esse é um dos gargalos dos cursos universitários.

**[Entrevistadores] Bom, e como ficariam, na prática a pesquisa e a extensão?**

**[Elias]** Justamente o que eu estava chamando a atenção, um pesquisador não nasce, um pesquisador se faz. Pesquisa é como tudo na vida, se deve começar o mais cedo possível. Até se pode fazer um pesquisador a partir de 30 anos, mas isso é o menos recomendável, porque um profissional quando chega aos 30 anos já está no meio da sua carreira, então o ideal é que a pesquisa comece na graduação, desde o primeiro dia em que se está na universidade. Inclusive, a aptidão científica não é algo que seja inevitável para todos, um profissional não é um cientista, um profissional é um profissional, mas é importante que se tenha clareza do que é fazer ciência até para saber se quer fazer isso, da mesma maneira que um profissional não é necessariamente um docente.

Existem três tipos de profissionais no nosso caso: o jornalista profissional, o professor de Jornalismo e o pesquisador de Jornalismo. O ideal seria que os três estivessem juntos, mas é fundamental ter clareza de que as habilidades

necessárias para ser um profissional são de uma natureza, as habilidades para ser um docente são de outra natureza e para ser um pesquisador são de outra natureza. São três profissões bem distintas que podem estar numa mesma pessoa, mas é raro, não é sempre, porque se pode ser um excelente profissional, um péssimo professor e não se ser um pesquisador, da mesma maneira que se pode ser um bom profissional e não ser um bom professor.

Um dos casos mais clássicos que nós temos no Brasil foi o caso do Cláudio Abramo, brilhante jornalista, uma pessoa muito culta e convidado para dar um curso de um semestre na ECA. Ele ministrou uma aula apenas e disse que o curso tinha acabado, porque ele não tinha condições de ensinar, tudo que ele sabia ele disse na primeira aula. Ele não tinha condições e competências para ser docente, mas ele era um grande jornalista, da mesma maneira que um professor nem sempre é um pesquisador.

**[Entrevistadores] Acredita que os cursos de pós-graduação em Comunicação ou áreas afins deveriam focar mais na formação do docente?**

**[Elias]** Não temos, no caso do Brasil, cursos de pós-graduação com especificidades na formação de docentes, onde se ensine metodologias de ensino, da mesma maneira que não se ensina-se metodologias de pesquisa. Nós temos uma deficiência grave. Temos mais de 40 cursos de pós-graduação na área de Comunicação e agora, inclusive, alguns específicos na área de Jornalismo, mas nenhum desses programas de pós-graduação tem uma linha de pesquisa de ensino e pesquisa de Jornalismo ou de Comunicação. Então, os nossos programas de pós são muitos similares e não atendem demandas que são específicas. Uma das maiores demandas da área de Comunicação é formar docentes, mas nenhum programa de pós forma.

O professor vai para a pós e faz uma pesquisa sobre o radiojornalismo, isso não o prepara para ser um melhor docente, isso o prepara para ser alguém mais especializado naquele tema específico. Ele até pode melhorar a aula dele do ponto de vista em relação aquele tópico, mas isso não o prepara mais a cerca de procedimentos e metodologias para melhorar o seu trabalho. Isso deveria ser uma das atribuições da pós-graduação, ou seja, possibilitar que os docentes da área se qualificassem. Hoje a maior parte, se não todos os docentes, são autodidatas, ou seja, aprenderam a partir de seus erros.

**[Entrevistadores] Ainda sobre a pesquisa, o senhor é um defensor dos estudos aplicados. Como se viabiliza esse tipo de avaliação se há tão pouco financiamento para nossa área?**

**[Elias]** Em primeiro lugar é importante que fique claro que hoje o problema nem é tanto de financiamento. Financiamento até tem, o problema é que, em primeiro lugar, é necessário ter a clareza de que existem financiamentos, mas nem todos têm, a maior parte das pessoas não tem, noção em relação às vias e possibilidades de financiamentos que existem. Em segundo, o mercado de financiamento é altamente competitivo, então não é que não existam recursos, mas é que eles são escassos em relação às demandas e, normalmente, quem atende as demandas são os mais qualificados. Como no mercado das ciências existem áreas mais consolidadas, a tendência é que as mais consolidadas, primeiro saibam onde estão os recursos, segundo tenham mais competência e capacidade para pleitear os recursos.

No nosso caso específico, o primeiro problema começa no fato de que diferentemente das outras áreas, nós não fazemos pesquisas aplicadas, então se

nós não fazemos nem queremos fazer pesquisas aplicadas, nós sequer temos a possibilidade de fazer demandas. Porque nós só fazemos demandas para pesquisas de natureza analítico-crítico e tem recurso para isso, mas pouco. Ou seja, entre uma análise teórico-crítica do Jornal Nacional e uma pesquisa sobre o sistema brasileiro de televisão digital interativo, onde é que o governo vai colocar mais recurso? No sistema brasileiro de televisão digital interativa que é uma área aplicada e que não nos interessa, mas que deveria nos interessar porque nós somos uma Ciência Social Aplicada.

O levantamento que eu fiz de avaliação nas pesquisas apresentadas no GT de Jornalismo da Compós entre 2000 e 2010 constatei que não mais que 2% dos trabalhos estão relacionados à pesquisa aplicada. Então, se nós não nos voltamos para a pesquisa aplicada é bem provável que não tenhamos maiores demandas de recursos, porque a maior parte dos recursos, até por uma questão estratégica para país, vai para área aplicada, para atender as demandas concretas da sociedade. Isso é uma decisão estratégica de governo com a qual eu não estou em desacordo, porque é como fazer uma análise na área de saúde: a análise crítica do sistema de saúde é importante, mas é necessário ir além, é necessário propor alternativas para melhorar o sistema de saúde. Então, não é só na nossa área, na maior parte das áreas há necessidades que se façam estudos e pesquisas concretas no sentido de implementar melhorias, porque a crítica pela crítica não resolve o problema da demanda social.

**[Entrevistadores] Professor, o senhor diz que se coloca como um cara provocador. Acredita que as pessoas estão preparadas para críticas no campo acadêmico brasileiro?**

**[Elias]** Eu acho que a questão, quando eu digo provocador, não é provocador no sentido de desrespeitar o outro, mas é provocador no sentido de provocar a reflexão. Porque seja do ponto de vista profissional, seja do ponto de vista acadêmico, um pesquisador não pode aceitar a realidade como dada, até porque a realidade nunca é dada, a realidade está em constante transformação. Então, o nosso objetivo é provocar a reflexão para que possamos compreender o que está acontecendo e propor mudanças. Como eu sempre digo, a melhor alternativa é uma alternativa viável, porque a alternativa que não é viável não é boa, porque se não muda vai continuar como estava, e se não estava nos satisfazendo temos que mudar, mas a melhor mudança é a mudança que é possível de ser efetivada, e a provocação é nesse sentido.

Do meu ponto de vista, a provocação acadêmica incomoda, mas essa é a nossa função. O que eu posso dizer é que ao longo da minha carreira, especificamente como pesquisador, isso me trouxe problemas aqui, acolá. Sim traz! Mas isso faz parte da vida, e a vida é para ser vivida ou e como dizia Guimarães Rosa: "viver é perigoso". Mas isso faz parte de um cálculo político, estratégico, que dizer, no meu caso, eu não vejo porque não fazê-lo. Se eu estudei e me preparei foi para enfrentar os problemas. Não tem sentido eu chegar num lugar e dizer mais do mesmo, as pessoas não precisam ouvir mais do mesmo, e o que procuro mais sempre é provocar.

Mas ao mesmo tempo eu sempre tenho um discurso de realismo otimista. Nunca vão ouvir da minha parte que é impossível, que não dá. Eu tenho plena certeza que não é fácil, mas o não ser fácil para mim não é um problema. Não ser fácil é um estímulo.